

OS IMPACTOS DA EVANGELIZAÇÃO ENTRE OS KORIPAKO NAS COMUNIDADES DO ALTO RIO IÇANA

Mário Gonçalves Luciano¹

Resumo

Esta monografia trabalhou alguns dos impactos da evangelização entre o povo Koripako do Alto Rio Içana. Tendo em vista que os encontros culturais ocorrem sempre, e que trazem mudanças grandes e pequenas, e que isso tem um interesse constante no mundo acadêmico, o texto aqui busca entender e procurar respostas em como lidar com essa atual realidade dos povos indígenas do Rio Negro.

Palavras-chave: cultura, cristianismo; evangelização; koripako; religião; troca de cultura.

Hathame koka nakoka nokaitepe

Lhiahí apada ideenhikhetti ikaitekada apadapeenaa iakotti koamheka pakapakaa lhiahí hiepakaatti napekoliko nhaahi Koripako-nai iowhaakapewa Iniali hiwidami. Neeni pakapaka koamheka lhiahí naowhaakawa akhereka litekolhetaakawa hoore nheette akhereka pakapa litekolhetaakakawa tsootsa, metsa ikatsa naomakaaka nheette nakapakaa matsiaka liakawa, kaiyhopa lirikoda lhiahí iakotti likadaawatsa waanhee koamheka phema linakoapanaa nheette khomheka naowhaaka linako naapiyawaaka panaya heekoapi nhaahi iowhali linako. Kayowatsa wattaita waanheeka oo weepataphaka liawa lhiahí iakotti linako lhiahí wakaiteperi inako. Ikatsa noomalika nokadaaka waanhee matsia inako lhiahí hiepakaatti koamheka naowhaka linako panaya phiome heekoapi- riko.

Pakaitependaphaa inako: panaikika, hiepakhetti Cristo-nako; paaka pakaite Jesus iakonaa; hiepakhetti; pheneetaka paowhaakawa.

1. Introdução

Este texto é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso elaborado por mim como estudante Koripako da Licenciatura Indígena, da segunda turma do polo Baniwa ofertado pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, campus São Gabriel da Cachoeira, estado do Amazonas, Brasil. Esta pesquisa foi realizada através da metodologia de aprendizagem pelo ensino via pesquisa, quando elaborei mapa conceitual e plano de trabalho, entrevistei pessoas da Área Koripako no Alto Rio Içana e entreguei no ano de 2018. Destaquei nessa versão o contexto histórico e social dos Koripako e somente algumas falas das entrevistas que realizei com meus parentes durante meus estudos na Licenciatura.

2. Os koripako: uma visão geral

Os koripako fazem parte da família linguística Arawak, e estão distribuídos em pelo menos três países: Colômbia, Venezuela e aqui no Brasil. Suas comunidades estão distribuídas

¹ Professor da etnia Koripako. Trabalha atualmente na Escola Municipal Indígena Duque Estrada, da comunidade Jerusalém, situada no Alto Rio Içana, onde se encontra o território tradicional Koripako.

margeando os rios conforme suas origens. Segundo os mitos de nossos antepassados, a origem do nosso povo ocorreu por meio de um ser que é conhecido como antigo dono do mundo, chamado em nossa língua de Ñapirikoli (palavra composta de: ñapi – osso + riko/liko – em/dentro de + li – que) que literalmente quer dizer: “Aquele-que-surgiu-de-um-osso”; trata-se de um ser primordial, que, segundo contam, foi o criador de praticamente tudo neste mundo. E quanto a nós, indígenas, ele nos criou no Rio Ayari, numa cachoeira chamada Hiipana “buraco-de-origem”, localizada em Ucuqui-Cachoeira. Por isso, segundo contam, esse local é conhecido como o “umbigo do mundo”, isto é, o centro do universo. Foi de lá que ele fez surgir todos os povos com suas diversidades. Porém, havia uns grupos étnicos que ele os colocou de volta no “buraco de origem”. Para esses, ele fez, dentro da terra, um caminho para eles saírem por outra cachoeira de nome Kophiipani, lá na cabeceira do Rio Içana. E, conforme contam, enquanto esse grupo ia pelo caminho pela terra, dava para escutar o barulho do maracá que eles tocavam, que tinha o som mais ou menos assim: *Tsere-tsere...* E as pessoas que estavam vindo, de quem se ouvia aquele barulho, eram pessoas ainda que tinham rabo. E eles chegaram saindo daquela cachoeira.

São estes os grupos que saíram dali: O clã do Quati, o clã Payoalieni, o clã do Pato e o clã Mawettanani. Esses foram os que Ñapirikoli permitiu que saíssem naquela cachoeira (aquele local de pedras de onde saíram continua, até hoje, do mesmo jeito. E o criador deu a esses grupos três línguas distintas: Korim (forma como esse grupo fala “não”), de onde se deriva o nome dessa etnia – os Koripako; e para os nossos parentes que vivem na Venezuela, o dialeto khenim (maneira como eles falam “não” na língua deles); e para os nossos parentes que moram no Baixo Rio Içana, deu o dialeto Karom (que também é a maneira como eles dizem “não” no dialeto deles), porém agora, quanto a esse grupo, nós o conhecemos como os Baniwa; já para os que vivem no Alto Rio Içana e no Ayari, ele deu a língua Ñame (que é a outra forma distinta dos demais para se dizer “não”), de forma, que o grupo falante desse última língua poderia ser chamado de Ñame-paako, isto é, os que falam “Ñame”. Essa é uma das palavras que destaca claramente a pequena distinção que há na maneira de falar de cada um desses clãs mencionados anteriormente.

Depois que o criador deu para eles o território deles, eles mesmos, por sua vez, distribuíram entre si, da seguinte maneira: Da foz de Matapi até a cachoeira do Jurupari, ficou para o clã dos Patos, e, para o clã dos Payoalieni, ficou da cachoeira de Jurupari até o Poço-do-Anujá; e o clã do Quati, ficou com a terra desde o Poço-do-Anujá até toda a cabeceira do rio Içana. Para o clã Mawettana ficou a terra acima da cabeceira do rio Içana, no Rio-Surubim, um

afluente do Içana, que já faz parte do território colombiano. Assim ficou distribuído claramente o território de cada um desses clãs específicos.

Naquela época, cada um temia entrar no território do outro sem avisar. Mas, cada um em seu lugar, vivia tranquilo, fazia suas roças, pescava e caçava, era assim que viviam. Particularmente, eu cresci no território do clã dos Quati, lá no Alto Içana, pois embora meu pai pertença a um clã Baniwa, que fica no baixo Içana, ele casou-se com uma mulher que era do clã dos Quati, e mesmo que em nossa cultura, depois do casamento, depois de um tempo, o homem normalmente volta para sua comunidade de origem, ele terminou ficando por lá mesmo, na comunidade Jerusalém, onde eu nasci e me criei. De forma que, mesmo que em nossa cultura eu herdo o clã do meu pai, e o dialeto do meu pai, terminei crescendo no meio do clã do meu avô materno, e passei a falar não a língua Baniwa, mas sim o “ñame-paako”, isto é, a língua dos Koripako do Alto Içana.

Voltando a falar sobre os Koripako, quanto aos contatos com outros povos, uma vez que essa etnia vive numa região de fronteira, mesmo que inicialmente esse grupo vivia cada clã em seu território, não demorou muito para ter vários contatos interétnicos. Inicialmente, foi tendo contato com outras etnias, como os Kubeo que vivem na Colômbia, nas proximidades do território Koripako; contatos também com os seus parentes Baniwa, que vivem no médio Rio Içana, Rio Ayari e Cuyari, com os Baré, e até com os Tukano, com os quais, segundo contam, foram travadas algumas guerras, sendo os Koripako os vencedores.

Com esses contatos, houve já muitas trocas de conhecimentos, em especial, porque muitos Koripako terminaram se casando com mulheres dessas outras etnias. E aí, os mitos terminaram se misturando, até houve mudanças de alguns artefatos, como, por exemplo, o banco tradicional dos Tukano, mesmo não sendo próprio dos Koripako, passou a ser feito e usado em suas comunidades. E, por sua vez, o ralo, próprio dos Koripako, passou a ser instrumento de troca entre os Kubeo e Tukano, que antes não tinham esse artefato.

Depois de muito tempo, os Koripako passaram a ter contato com os não indígenas, chamados no idioma Koripako de yalanainai. Inicialmente, teve aqueles que chegaram atrás de trabalhadores, tanto para os seringais, como para o serviço agrícola de um modo geral. Vieram depois os comerciantes, chamados na região de regatões, que traziam diversos artefatos, como roupas, terçados, machados, anzol, sabão, sal etc. para trocarem com a farinha, beiju e cestarias dos Koripako.

Daí, com esses contatos, houve transformações mais significativas, que vão desde a mudança das casas comunais, popularmente chamadas de malocas, para casas separadas (que,

segundo os relatos de Koch-Grünberg e Curt Nimuendajú, foram introduzidas, em algumas regiões, pelos padres católicos), uso de roupas de tecido, uso de anzol para pesca, espingarda para caça, etc. E com os não indígenas, que arrebanharam muitos Koripako para o trabalho nos seringais e extrativismo de piaçava e sorva na Colômbia, houve mudanças ainda maiores, pois, tinham que se ausentar de suas comunidades, ficando distantes de suas esposas e filhos, por muitos meses, com o objetivo de conseguir esses artefatos do mundo dos não indígenas, e que agora, uma vez acostumados, não conseguiam mais viver sem eles.

Os velhos que ainda lembram dessa época quando trabalharam nos seringais e na extração de piaçava e sorva contam que trabalhavam muito, e o que ganhavam como pagamento era bem pouco. Como consequência, os patrões, com medo de perder a mão de obra, formaram um sistema chamado de aviamento, de forma que nossos parentes se viam sempre obrigados para trabalhar meses e meses para esses patrões. E acabava que muitos Koripako terminavam fugindo sem quitarem suas dívidas, pois, nesses locais de serviço, os patrões possuíam lojas com vários artefatos que serviam de pagamento pela mão de obra. Assim, quando um indígena fugia sem ter pagado sua suposta dívida, esses patrões vinham atrás, obrigando-o a retornar ao trabalho.

Nessa mesma época, houve também a chegada, com visitas esporádicas, de alguns padres, mas entre os Koripako, devido à grande distância de suas comunidades, terminou que a influência deles se limitou mais a mudanças nos nomes de algumas de nossas comunidades. Assim sendo, a comunidade que, em nossa língua, chamamos de Keradaro, passou a ser conhecida como São Joaquim, onde atualmente há o 3º pelotão do Exército de Fronteira (3º PEF).

Fora esses contatos, que trouxeram muitas mudanças entre os Koripako, um outro contato foi com uma missionária evangélica estadunidense, chamada Sofia Muller, que chegou inicialmente nas comunidades Koripako colombianas, em 1947, e depois, aqui nas comunidades no Brasil, no médio Rio Içana, em 1949. Foi ela que pela primeira vez trouxe para os Koripako o conhecimento do Evangelho, com uma metodologia de introdução da alfabetização na maioria das comunidades.

Inicialmente, Sofia Muller começou a ensinar na própria língua Koripako, residindo na comunidade Sejal, no rio Guainía. Ela seguiu ensinando nas comunidades da redondeza, e no rio Cuyari. Sua distinção dos demais não indígenas, que a antecederam no meio do povo, é que ela aprendeu a falar no próprio idioma Koripako. Após isso, ela propôs um alfabeto para dar início à alfabetização do povo, usando como base as letras comuns ao espanhol. Sua

metodologia era bem dinâmica e prática, ao ponto que em curtos meses muitos Koripako já sabiam ler em seu próprio idioma.

Após a atuação da Sofia Muller entre os Koripako, as missões católicas tentaram adentrar nas comunidades do Alto Rio Içana, mas não obtiveram muito êxito. E assim, dando continuidade ao trabalho religioso iniciado pela Sofia, chegaram também, vindos do Brasil, missionários brasileiros da Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB). Esses passaram a alfabetizar as crianças, e tentaram vincular as comunidades com a prefeitura do município de São Gabriel, para que pudesse oficializar a educação nessas comunidades. E, assim, o prefeito passou a mandar algum apoio com materiais escolares.

Em seguida, esses missionários, atuando ainda na área educacional, convidaram algumas pessoas de cada comunidade do Rio Içana para irem estudar na comunidade Jandu-Cachoeira, que fica no médio Içana, com o objetivo de desenvolverem os estudos e alfabetização, para voltarem e ensinarem em suas comunidades. Esses professores voluntários ensinavam sem receber nada da prefeitura, isso por muitos anos. Isso, porque de início a prefeitura não reconhecia a formação desses professores indígenas. E aos poucos os prefeitos do município passaram a enviar um pouco de ajuda para essas escolas que estavam surgindo.

Em seguida, uma missionária da MNTB, chamada Adauta, com formação em Educação, falou com o prefeito, buscando a aprovação do mesmo, para ela dar um curso de capacitação dos professores Koripako, Baniwa e Nheengatu, para que fossem reconhecidos pela Secretaria de Educação, propondo que fossem remunerados tal qual os professores indígenas dos outros rios. E pouco a pouco aqueles professores do rio Içana passaram a receber um recurso da prefeitura.

2.1. Como os Koripako se organizavam tradicionalmente?

Nossos antepassados tinham sua maneira própria de viver com seus parentes, em suas comunidades. Moravam numa única casa, conhecida no passado como maloca. Conviviam bem, pois havia um líder que cuidava e mandava neles quanto à maneira de viverem em harmonia. Esse líder era chamado em Koripako de eenawi (termo que, com a influência do espanhol, passou a ser denominado de capitán e, passando para o português, ficou “capitão). Fora esse líder, havia os seus auxiliares que eram: o conhecedor de remédios tradicionais de nós indígenas (conhecido como pajé-curandeiro), o outro era o pajé, propriamente dito (aquele que tanto podia mandar uma doença, como curar alguém), outro era aquele que suga, tirando das pessoas as doenças maléficas causadas por magia. Havia também o benzedor, o

adivinhador; tinha também a mulher especialista em parto (parteira). Assim estavam organizados, cada clã em seu território específico. Tendo cada comunidade seus líderes, todavia, vale salientar que cada clã possuía o líder maior (o cabeça do grupo) que era reconhecido por eles. Isso foi como viviam no passado.

2.2. Como vivem na atualidade?

Em cada comunidade onde vivem, os Koripako possuem, cada um, sua própria moradia. É distinto de antigamente, atualmente procuram eleger aquele que será o líder deles, que hoje chamamos de capitão. Juntamente com esse capitão, há o vice-capitão, o secretário, outros também que são os animadores da comunidade. São esses que estão à frente do povo pensando e orientando sobre os trabalhos da comunidade, para que possam estar cuidando da mesma ou procurando deixar as coisas mais fáceis para todos na comunidade.

Há, também, na nova configuração que temos de nossa religião, os líderes da igreja; também temos os professores que atuam na escola junto às crianças; temos o agente de saúde e o líder dos esportes. Fora os líderes das comunidades locais, agora temos também uma associação chamada de OICAI (Organização Indígena Coripaco do Alto Içana), algo que representa todas as comunidades Koripako, buscando representar nossa etnia perante as autoridades dos não indígenas, para que possam apoiar nossas comunidades e cuidar delas também.

Outra mudança significativa bem perceptível no meio dos Koripako é que, hoje, praticamente todos os velhos estão inscritos no benefício social de aposentadoria do governo (FUNRURAL). Há também muitos professores assalariados, em cada comunidade temos os agentes de saúde; fora isso, temos os benefícios sociais do bolsa-família, que ganham pelos seus filhos, e o auxílio aos pescadores. Todas essas coisas têm trazido mudanças, coisas que acontecem no mundo inteiro. Assim sendo, é basicamente por meio desses benefícios sociais que conseguem hoje as coisas que precisam.

Nessa nova realidade, há também o Distrito Sanitários Especiais Indígenas (DSEI), responsável pelo atendimento da saúde dos indígenas, e possuem um Polo Base estabelecido na comunidade São Joaquim. Esse órgão tem os dados demográficos exatos da população total dos Koripako que vivem no Alto Rio Içana. E conforme seus dados, extraídos do censo do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA), estima-se agora um total de 1.275 entre adultos e crianças Koripako. Todavia, esse censo não conta com os outros Koripako que vivem acima da

comunidade Camanaus, por estarem estabelecidos em território colombiano. Pois temos muitos koripako que vivem na Colômbia e Venezuela, que são falantes de nossa língua.

Vale salientar também, quanto aos Koripako aqui do Brasil, que praticamente todos eles são convertidos ao cristianismo evangélico, de forma que agora os Koripako vivem nessa nova configuração ou, podemos dizer, é assim que é a realidade deles atualmente no mundo. Já se tornaram diferentes, todos os seus filhos hoje sabem ler bastante, uns já chegaram a fazer faculdade, como o curso de Licenciatura Indígena promovido pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, tendo em vista que alguns não indígenas têm procurado ajudar a nós indígenas.

2.3 O sagrado mitológico do povo Koripako

Pensando sobre as crenças antigas que são ou eram seguidas firmemente, sobre isso, os nossos antepassados creem que havia quatro seres poderosos conhecidos com os seguintes nomes: Ñapirikoli (Aquele-que-saiu-do-osso), Kaali (originador da mandioca; benzedor também), Yooli (o pajé sugador das doenças malélicas) e Eeri (o dono dos remédios), desses seres vem toda a base da pajelança.

Por isso, nós Koripako, todos os velhos, tínhamos muitas coisas nas quais acreditávamos, e muitas coisas também as quais temíamos aqui no mundo. Isso, porque, naquela época, havia as pessoas responsáveis para repassar suas crenças, quanto à maneira de viver neste mundo, como preparar a comida que era colhida de suas plantações, de que forma poderiam comer carne de caça e peixe etc. De forma que esses instrutores eram responsáveis por nós, quanto a nos orientar sobre a forma de preparar nosso alimento da roça. Perguntando sobre isso a um Koripako chamado Zacarias Joaquim, que vive na comunidade Camanaus, de 95 anos, do clã Quati, ele disse:

A geração que nos antecedeu, isto é, nossos antepassados, eles viram com seus próprios olhos os criadores ou “donos” desse mundo que vemos, esses criadores são: KOWAI, ÑAPIRIKOLI, YOOLI, MAWIROKOLI, que era o irmão menor de Ñapirikoli. Desses quatros, o líder era Ñapirikoli. Ele era o senhor de tudo que a gente vê nesse mundo. Foi ele que fez as pessoas, a água, a terra, a mata, as montanhas, os peixes, os animais, as plantas e todos os outros seres que vemos no mundo. Foi ele quem passou o conhecimento próprio de nós indígenas. Assim que surgiu o conhecimento que temos até hoje.

Um desses conhecimentos a nós passado por esse ser, foi uma festa tradicional onde havia as chicotadas rituais, as danças incluindo o toque da flauta sagrada chamada Kowai, de quem o pessoal temia. Eram esses tipos de conhecimentos que aquele ser passou com suas regras. Claro que havia outros tipos de conhecimento também. E assim, Ñapirikoli viveu com eles bastante tempo para poder instruí-los, pois isso era necessário para nossos antepassados viverem nesse mundo.

Porém, depois de um tempo, aquele ser, ele próprio errou para com aqueles que ele havia ensinado, pois ele matou uma pessoa. Daí, os filhos de Koliyamali, isto é, aquele que Ñapirikoli havia assassinado, eram um total de sete filhos, e eles queriam se vingar matando aquele que havia assassinado o pai deles. Esses que queriam matar Ñapirikoli, eles jejuavam antes de irem andar, ou mesmo quando iam fazer a festa conhecida em língua geral de Dabucuri, ou quando iam fazer o ritual de Jurupari.

Então, um dia, Ñapirikoli subiu num pé de uacu, a fim de comer do seu fruto lá no alto. E à medida que ele ia comendo, ele deixava um dos frutos do uacu cair lá no chão, onde estavam seus oponentes que estavam fazendo o chicote sagrado por meio do qual chicoteavam as pessoas no ritual de Jurupari. Eles começaram a queimar o uacu para poderem comê-lo.

Enquanto isso, Ñapirikoli veio a desmaiar de forma repentina, lá no alto onde ele estava comendo uacu. Isso aconteceu justamente porque eles comeram esse fruto de uacu, que não deveriam comer, porque eles deveriam estar em jejum, e eles não jejuaram bem como era prescrito na regra tradicional.

Bom, foi assim que Ñapirikoli desmaiou, e a baba que escorreu de sua boca até o chão se transformou num tipo de cipó que em nossa língua chamamos de Kopii. Foi dessa forma que inicialmente surgiu esse cipó, vindo da baba de Ñapirikoli. É por isso que hoje em dia, em todos os lugares, se vê, praticamente em todas árvores de uacu, esse tipo de cipó.

Depois de um momento, Ñapirikoli tornou a se despertar, e de imediato desceu de volta para o chão. E logo perguntou aos seus aprendizes se eles haviam comido do fruto do uacu que havia caído no chão. E eles responderam: “Sim, comemos mesmo”.

Daí Ñapirikoli, de forma repentina fez com que o mundo ficasse escuro. E sobre eles choveu muito. Logo ele fez uma pedra grande e mandou que eles entrassem dentro dela para se protegerem da chuva. Porém, na realidade, essa pedra com um vão de abertura nela, era a boca de Jurupari (Kowai, na língua Koripako). Quando todos eles entraram ali, ele fechou aquela abertura matando a todos, o Jurupari havia comido eles. E saindo dali, voltou para a comunidade deles, e chegando lá, vomitou aquelas pessoas num balaio, vomitou também os frutos de uacu que havia comido.

Um certo dia, esse pessoal queria se vingar, eles queriam matar o Jurupari. E num determinado dia, eles fizeram uma festa para se alegrarem ou mesmo para fazerem a festa do Jurupari, e aproveitaram para pegar muita lenha para acederem de noite, servindo de iluminação para a festa deles. E assim começaram essa festa para se animarem. Passaram a dançar muito e também beberam muito caxiri para se embriagarem. E viram que Jurupari já estava embriagado, e de uma vez, lançaram ele no fogo para ele morrer queimado. Foi assim que ele morreu, ou melhor dizendo, foi assim que o Jurupari se acabou aqui nesse mundo.

O pensamento dele, isto é, sua alma saiu dele, ninguém mais podia vê-lo. E também ninguém sabe para onde ele foi viver agora. O Jurupari de fato se queimou no fogo, simplesmente havia ali, onde ele se queimou, apenas suas cinzas. No lugar onde queimaram ele, surgiu a paxiúba que cresceu ali. Também surgiu o jebaru, e junto com a paxiúba surgiu também o piripiriaca. Bom, essas plantas que surgiram de repente, é por meio delas que é feito o instrumento de sopro tão perigoso, que hoje chamamos de Kowai (Jurupari), um instrumento por meio do qual nossos antepassados recordavam o espírito daquele que eles haviam queimado no fogo. Foi dessa forma que se iniciou o costume do Jurupari no qual os nossos antepassados Koripako viviam. Há ainda hoje aqueles que vivem ainda nesses costumes, tanto no rio Ayari, em algumas comunidades de lá. Essas são as nossas crenças bem antigas, de nós os Koripako e também dos Baniwa. Crenças essas que seguíamos firmemente antes dos missionários trazerem, para os nossos avós, a Palavra de Deus. Assim viviam antes de saberem o que era a Palavra de Deus.

Naquela época, que antecedeu a chegada dos ensinamentos dos missionários, os velhos não permitiam que as mulheres e crianças pudessem ver a flauta conhecida como Jurupari, isso se não quisessem ser chicoteados com o chicote sagrado. Com esse rito, fizeram que as pessoas no passado sofressem muito. Por isso que as pessoas daquela época, quando ouviam ser soprado a flauta do Jurupari, corriam desesperadamente para mata, ou corriam para suas casas procurando um lugar para se esconderem. Bom, assim eram como viviam os antigos, sei bem disso, porque eu presenciei com eles aqueles costumes (Contado por Zacarias Joaquim).

3. O cristianismo: uma religião de origem judaico-cristã

Quanto à religião ou qualquer forma de crença, sabemos que ninguém pode discriminar outra pessoa pelo que ela crê. Temos isso descrito na Constituição Federal (CF) 88, artigo 5º que, quanto a nós indígenas, temos a mesma liberdade que os não indígenas têm. De forma que nos pontos VI, VII e VIII, desse documento, deixam bem claro que temos total liberdade para fazermos nossos cultos, e que temos também liberdade de participarmos de qualquer religião que assim desejarmos. E que ninguém pode nos impedir de seguirmos o que desejamos crer, ou procurar vetar aquilo que desejamos seguir como religião.

Como os Koripako passaram a seguir o cristianismo evangélico, precisa-se aqui mencionar um pouco mais sobre o que é essa religião. Embora os Koripako não estejam associados a nenhuma denominação evangélica dos não índios, os princípios que receberam, por meio de Sophie Muller, são predominantemente ligados à denominação evangélica Batista.

3.1. Como vivem os Koripako que são cristãos evangélicos

Para falarmos como os koripako receberam o cristianismo evangélico, temos que falar ainda sobre a diferença do mesmo em relação às outras religiões. O cristianismo evangélico leva os seus membros a terem a responsabilidade de irem em todos os lugares do mundo para levarem os ensinamentos de Jesus, que são chamados de Evangelho. Os Koripako entendem a aceitação do evangelho por um indivíduo, tendo como início, se submeter ao batismo, seguir as programações da igreja, como participar dos cultos, ir as “santa-ceias” mensalmente e participar da conferência bíblica. Basicamente, é isso que entendem como o Evangelho, essas coisas que praticam e que acham serem necessárias para viverem bem aqui no mundo.

Os koripako que vivem na Alto Rio Içana completaram praticamente 60 anos que aceitaram o cristianismo assim da forma que entenderam o mesmo. E a forma que praticam é baseada num livro religioso deixado para os líderes pela missionária Sofia Muller, esse livreto é chamado na língua portuguesa de “*manual para os líderes da igreja*”. Os antigos, depois de um tempo, passaram a seguir esse ensinamento, ou crença. Isso porque entenderam que tinha

muitas semelhanças com a maneira como viviam antes. Assim como tinham, antigamente, as festas de dabucuri (podaali, na língua Koripako), passaram a ter as santa-ceias semanais.

3.2. A chegada da evangelização entre os Koripako

Um pesquisador indigenista chamado Eduardo Galvão, querendo entender bem sobre a conversão dos Koripako ao Evangelho, disse:

Poxa! Eles abandonaram muito rápido suas tradições nas quais viviam antigamente...Dentre outras coisas, percebe-se o êxito do trabalho da missionária Sofia Muller, ao fato dela ter aprendido a língua dos indígenas e ensiná-los no idioma deles (GALVÃO, 1954).

Galvão, também falando sobre Sofia e sua influência entre os Koripako, destaca o fato dela ter traduzido bem rápido os quatro evangelhos na língua falada pelo povo. Depois traduziu todo o Novo Testamento em Koripako, e ensinou o povo a ler. Essas coisas foram, segundo ele, algo que fez avançar muito o trabalho dela entre os Koripako (op. cit.). Ela chegou inicialmente no Içana, vinda da Colômbia, até chegar aqui no Brasil. Porém, ela não tinha nenhuma documentação com autorização para viajar aqui pelas terras brasileiras.

Outro que escreveu também sobre isso foi Robin Wright, que disse:

O escrito de Galli diz que quanto aos evangélicos e católicos do rio Içana: eles não vivem bem entre si, os católicos dizem que não podem comer com os evangélicos e nem entrar na casa deles. E quando um católico chegava e dormia numa comunidade evangélica, o pessoal daquele lugar não levava nada para ele comer. Naquela época, as comunidades evangélicas muitas vezes tratavam mal os padres que por lá passavam. E esses padres sempre que vinham visitar essas comunidades, quando eles estendiam a mão para cumprimentá-las, elas simplesmente colocavam as mãos debaixo das axilas, baixavam suas cabeças e diziam que o padre era o diabo, ou um demônio. Depois de muito tempo, os indígenas passaram a se entenderem entre si. (ROBIN WRIGHT).

Assim lemos sobre o que Galvão, bem como Robin Wright escreveram, mas, quando ouvimos os indígenas falando, eles contam diferente do que esses pesquisadores escreveram. Fazendo uma entrevista com um senhor Koripako, chamado Mário Mandu, de 98 anos, do clã dos Patos, que mora em São Joaquim, que foi um cacique conhecido entre os Koripako. Ele disse o seguinte:

No passado, antes da Sofia chegar no alto Içana, chegou um padre no ano de 1938 aqui na comunidade São Joaquim. E o cacique junto com o povo demarcaram um lugar para esse padre para ele fazer uma igreja. O local que demarcaram era chamado de “cabeça-de-Surubim”. O padre ergueu ali uma igreja bem pequena, e trabalhou por pouco tempo lá. Depois chegou Sofia

e trouxe outro ensinamento. E o povo gostou de ouvir essa nova palavra. E por isso, deixaram pra lá o ensinamento do padre, seguindo agora outra palavra. Porque viram que essa era bem melhor de se ouvir.

Outro que entrevistei foi um ancião chamado Alejandro Camico, do clã Ayaneeni, de 70 anos, que vive na comunidade Berrocal, no alto rio Cuyari, pertencente a Colômbia. E ele relatou o seguinte:

Havia o falecido pai dele que disse: Havia no passado um adivinhador de confiança que todas as pessoas do Cuyari. Baniwa, Koripako e outros também acreditavam nele. Era conhecido Venâncio Anizeto Kamiko, de fato era um pajé muito poderoso e respeitado. Ele podia afastar os inimigos dos outros, pelo seu próprio poder. E esse pajé, antes de morrer, adivinhou que haveria de vir uma mulher até eles, trazendo uma boa palavra para todos. Isso ele estava adivinhando sobre Sofia que viria até eles. E esperaram para ver de fato assim como ele havia dito. Esse adivinhador Koripako havia nascido entre San Carlos e Maroa. Esse Venâncio era alguém que havia estudado no catolicismo, por isso, ele saiu ensinando em vários lugares. Ele retornou lá para próximo de Marowa, onde morreu, e fizeram um sepulcro para ele de cimento. Esse lugar existe até hoje, pois as pessoas cuidaram bem dele, sendo um lugar sagrado, onde as pessoas deixam lá dinheiro ou outras coisas como oferenda para que ele conceda a eles algum benefício aqui nesse mundo.

Outra pessoa que entrevistei, depois de algum tempo que comecei minha licenciatura indígena, entre os nossos parentes Baniwa, foi Leticia Garcia, de 68 anos, moradora de Tunuí, médio rio Içana. E ela contou o seguinte:

Eu vi quando essa crença chegou no nosso meio, presenciei com os meus próprios olhos. Primeiro chegou um padre, ele nos contou qual era a palavra que ele estava trazendo para nós. E ao recebermos ele, logo ele fez uma igreja para nós do lado aqui de Tunuí. Ele fez igrejas em algumas comunidades que receberam ele, aonde ele ia até eles. Depois disso, logo ouviram a respeito de uma mulher, a filha de Kaali que viria até eles, vindo de rio acima. Pois ela estava vindo trazer uma palavra boa. Daí quando muitas pessoas das outras comunidades ouvindo que ela havia chegado em Tunuí, chegaram de noite para vê-la e ouvirem que palavra era essa que ela estava trazendo. E quando ela chegou e encostou no porto, naquele instante as pessoas deixaram seus trabalhos para irem cumprimentá-la com alegria. Quando ela chegou, viu que havia uma igreja feita pelo padre. E ela falou que eles deveriam acabar com aquilo, e que não era mais para eles procurarem aquele padre. E depois que ouviram isso, foram de noite desmanchar aquela igreja. Depois de um tempo, ela fez com o povo a primeira conferência aqui em Tunuí. E nessa programação havia muita gente mesmo, porque foram convidar o pessoal que moram rio abaixo, os Nheengatu. Assim ela começou a ensiná-los a palavra de Deus. Nessa conferência eram em torno de 800 pessoas, e dessas 600 foram batizadas. Depois de um tempo, passou de volta, e vendo que haviam destruído uma estátua que ele havia deixado ali, ele ficou com muita raiva, e não quis cumprimentar as pessoas. E disse a elas: Vejam bem o que vocês estão fazendo, vocês estão querendo acreditar numa mentira? Assim eu presenciei. (Disse aquela velha lá de Tunuí).

3.3. Principais impactos da evangelização entre os Koripako

A partir das entrevistas, os principais impactos sentidos pelos Koripako:

a) Realização dos eventos evangélicos: Os principais eventos evangélicos koripako são a conferência e a santa ceia. A conferência geralmente é realizada durante quatro ou cinco dias das seguintes maneiras: primeiro dia, chegada dos participantes das diferentes localidades comunidade vizinha e demais que vêm das outras calhas do rio, seguindo os dias seguintes são realizadas várias atividades, como culto de testemunha apresentando cada comunidade, culto de pregação pelos pastores e missionários e, no último dia, também são realizados os cultos de batismo, casamento, nomeação das crianças e consagração de pastor para serem líderes das comunidades. Terminando todas essas atividades, são realizadas diversas brincadeiras, como: competição de cabo-de-força com cipó; adivinhação, disputa de alcançar lata, encher garrafa com água etc. E no dia de retorno à comunidade local, sempre colaboram ou ofertam beiju, farinha e tapioca para todos os visitantes.

b) Introdução da Escrita: Uma mudança significativa e que o povo tem como ganho, pois antes os koripakos faziam parte de uma etnia ágrafa, passa a se utilizar da tecnologia da escrita. Isso sem dúvida implicou em vários desdobramentos, que vão desde a mudança do padrão de pensamento, para a vivência no dia a dia. Por exemplo, antes o povo guardava suas histórias repassando de pai para filho, sem se preocupar na exatidão e preservação intacta de tudo que se contava. Apenas era preservado aquilo que achavam relevante. Com a introdução da escrita, agora, põe em dúvida na exatidão do que foi ouvido antes. Essas histórias estão corretas mesmo? O que escutamos hoje foi assim mesmo que aconteceu? E por aí vai.

c) Troca de alguns aspectos culturais: no que diz respeito à organização social, em relação à liderança das comunidades, inicialmente, muitos que eram os caciques/capitães tornaram-se também os líderes principais da “igreja”, os antigos chamados animadores, muitos tornaram-se “diáconos”, muitos pajés-curandeiros, pajés-benedores e xamãs se tornaram também líderes das igrejas. Percebe-se assim, até hoje, que houve trocas que, para o povo em geral, era como se tivesse mudado os nomes, permanecendo no senso comum as mesmas funções.

d) Diminuição do uso dos instrumentos musicais tradicionais: Um dos instrumentos principais da Cultura tradicional Koripako era a flauta yapoloto, chamada também de Kowai (Jurupari, em língua geral), um dos seres mitológicos, filho do primeiro pajé chamado Ñapirikoli. Essa flauta recebe o nome de Kowai (Jurupari), porque, segundo contam, o corpo desse ser era como que um tubo cheio de furos como a flauta yapoloto. E, do mito desse ser,

temos a origem do rito de iniciação envolvendo as chicotadas nos adolescentes e nos homens que participavam do ritual também chamado de Kowai. Havia outras flautas também, e muitas dessas foram entendidas como associadas às festas de Kowai.

e) Mudança na forma de proteger as pessoas: Antigamente, por exemplo, quando nascia uma criança, era chamado o benzedor para que a benzesse contra as influências más (dos curupiras ou de feitiçarias enviadas por um inimigo da família), da mesma forma acontecia quando o adolescente iria passar para a fase adulta. Hoje, se segue o mesmo pensamento, apenas ao invés do povo chamar um “pajé-benedor”, chama o ancião da igreja ou diácono, ou na ausência desses, outra pessoa que julgam ter uma oração “forte”.

4. Considerações finais

Antes de Sophia Muller chegar entre o grupo Koripako do Alto Rio Içana, o povo ali já passava por muitas transformações e já começava a morar em casas individuais, por exemplo. Isso porque em algumas comunidades se deu o contato com os não indígenas e outros povos de outras etnias, em especial na época que os Koripako iam trabalhar para os patrões dos seringais, piaçava, balata etc. Isso não podemos dizer de forma alguma que foi uma mudança por causa do ensino que Sophia Muller trouxe, ou mesmo da religião em si, porque, conforme os velhos contam, pelo menos com os Koripako, essas mudanças ocorreram bem antes da sua chegada.

Hoje uma das mudanças das quais as pessoas mais se queixam é a que tem ocorrido na alimentação. À medida que o povo tem procurado comprar alimentos dos não indígenas, a mudança na dieta alimentar tem levado os Koripako a lidarem com doenças antes desconhecidas, como: diabetes, colesterol alto, hipertensão etc. A questão principal, ao analisarmos as mudanças, não está se houve ou não houve mudanças, pois percebemos que isso sempre irá ocorrer, seja no contexto religioso, político ou em outras situações de encontro de culturas, tratando-se de seres humanos. O que vi como importante ao analisar as mudanças foi, se quando elas ocorrem, se são impostas ou desejadas; e no caso dos Koripako, algumas delas são fruto de um desejo constante do povo de buscar soluções para viverem uma vida melhor, não apenas no aspecto religioso, mas em todas as áreas da vida.

Ao pesquisarmos os impactos que acontecem com as trocas de culturas, vi que precisamos estar atentos não só ao que levou às mudanças, e até onde essas mudanças afetaram, mas, também, precisamos pensar melhor se tais mudanças são o que o povo de fato deseja ou não. E o povo deve estar ciente de que eles são autônomos em suas escolhas. E cabe a eles decidirem o seu futuro.

Referência Bibliográfica

- BEZERRA, Zenilson Agostinho. Os impactos socioculturais da alfabetização e do letramento entre os koripako do alto Rio Içana. Manaus: **Antropos, Revista de Antropologia. Ano 5 – volume 6 – dezembro de 2013.**
- CARDOSO de Oliveira, Roberto. **A questão Étnica: qual a possibilidade de uma ética global?** In. Arizpe, Lourdes (Org.). As Dimensões Culturais da Transformação Global: uma abordagem antropológica. Brasília. UNESCO, 2001.
- GALVÃO, Eduardo. **Anotações de Campo.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Museu do Índio 1954.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Dois anos entre os indígenas: viagens no noroeste do Brasil, 1903/1905.** Manaus: EDUA, 2005.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- LIDÓRIO, Ronaldo. **Fronteiras da contextualização (1).** Material digital, 2011.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões.** São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1992.
- MNTB/SGC. **Arquivos da Missão Novas Tribos do Brasil.** São Gabriel da Cachoeira, 1980-1992.
- MÜLLER, Sophia. **Religiones.** Bogotá: Buena Semilla, [s.d.].
- SOUZA, Alfredo Ferreira de. Conversão: uma discussão sobre troca cultural e assimilação da religião cristã. **Textos & Debates, Boa Vista, n.19, p. 85-104.**
- WEIGEL, Valéria A. C. de Medeiros. **Escolas de branco em malokas de índios.** Manaus: EDUA, 2000.
- _____. **Igrejas e indígenas do Alto Rio Negro: dos internatos à escola bilíngue.** (s.l., s.d.).
- _____. Os Baniwa e a escola: sentidos e repercussões. **Revista brasileira de educação. 2003, N° 22.**
- WRIGHT, Robin M. **Transformando os deuses.** Campinas: Editora da Unicamp, 1999. pp. 155-216.
- XAVIER, Caco. **Os koripako do alto Içana: etnografia de um grupo indígena evangélico.** Rio de Janeiro: Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor em Antropologia Social ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social / Museu Nacional / UFRJ, 2013.